

Apresentação da Nova Série

Ulpiano T. Bezerra de Meneses
Diretor Responsável

Em 1922, Affonso d'Escragnotle Taunay, então Diretor do Museu Paulista, instituiu uma Seção de História Nacional (e Etnografia) no interior do que era um museu de História Natural. No mesmo ano, criou os *Anais do Museu Paulista*, destinados, como afirma o prefácio, à divulgação dos trabalhos da Seção e à publicação de documentos incorporados ao acervo da instituição (essencialmente material arquivístico). De 1922 a 1987, quando apareceu o último tomo, 35 deles vieram a lume.*

Nos primeiros tempos, a presença de Taunay foi dominante, ainda mais que o Museu não dispunha de um quadro científico. Mais tarde, as páginas da revista passaram a abrigar outros nomes ilustres, como os de Sérgio Buarque de Holanda, Richard Morse, Dante Moreira Leite e muitos mais, garantindo-lhe merecida reputação.

No entanto, a revista nada tinha que pudesse vinculá-la especificamente a um museu. Não por coincidência, o acervo museológico da instituição nunca fora utilizado para a pesquisa histórica – e nem tinha sido concebido para esse fim. Aliás, tirando três ou quatro estudos, dentre os bem mais de duzentos publicados, todo o referencial tinha como tônica as fontes escritas.

Quando, em 1950, saiu o primeiro dos 122 volumes já aparecidos da *Revista de História*, do (hoje) Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, os *Anais* passaram a partilhar com o novo veículo muitas funções e, até mesmo, colaboradores. Ao se incorporar o Museu Paulista à Universidade de São Paulo, em 1963, têm-se dois periódicos que convivem lado a lado e, muitas

* Para uma caracterização, ver Miyoko Makino, *Anais do Museu Paulista: Índice 1922-1981*, *Anais do Museu Paulista*, 30: 451-514, 1980/1981. - Paralelamente, foi publicada, de 1894 a 1988 a *Revista do Museu Paulista*, inicialmente dedicada à Zoologia, Botânica e disciplinas afins e, posteriormente, à Arqueologia e Etnografia

vezes, se superpõem – sem contar a nova *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros/USP*, lançada em 1966 e que também tinha a História do Brasil em seu horizonte.

Última referência nesta linguagem árida de cronologias: em 1989 (como já ocorrera antes com a Botânica e a Zoologia), separaram-se do Museu Paulista as coleções, pessoal e tarefas relativas à Arqueologia e à Etnografia. Ele pode assumir, então, plenamente, sua vocação histórica.

Mas um museu histórico, em nossos dias, se quiser contribuir para a produção do conhecimento histórico, deve fazê-lo obrigatoriamente dentro de sua especificidade como museu, instituição solidariamente científico-documental, cultural e educacional que se define por explorar realidades materiais (artefatos, obras humanas materializadas, produtos naturais). Seria, portanto, o campo de estudos da chamada **cultura material** que deveria constituir a referência básica do Museu Paulista. A dimensão é histórica, envolvendo, portanto, a problemática da mudança, e o quadro é, basicamente, o da sociedade brasileira (e seu segmento paulista, seja isto o que for). Sem dúvida, não se trata de limitar o foco à materialidade das coisas físicas, ao empirismo desse universo material em que estamos todos permanentemente mergulhados e que é condição de nossa existência biológica, psíquica e social. Trata-se, indo além, de apreender nessa ordem material a produção e reprodução social.

Ora, o periódico do Museu Paulista, agora museu histórico, não poderia absolutamente desvincular-

se dos compromissos que a instituição assume como um todo. Assim, como herdeiros de uma revista com larga folha de serviços prestados aos estudos históricos, surgem os *Anais* em Nova Série. O subtítulo, *História e Cultura Material*, deixa explícita sua nova faixa de atuação.

A estrutura deste primeiro número da Nova Série dá conta dos propósitos que os *Anais* pretendem perseguir.

Debates, a seção de abertura, apresentará sempre trabalhos com implicações conceituais e metodológicas e temas relevantes sujeitos a controvérsia. O texto-base se fará acompanhar dos comentários de um certo número de especialistas de áreas diversificadas e de um comentário final (em que o autor do texto-base tem a oportunidade de dialogar com seus comentaristas). Apesar das carências que este tipo de procedimento acadêmico pode suprir, entre nós, ele ainda se apresenta como estranho e sugere cautela. Prova é que, dos dezessete especialistas convidados para participar desta primeira experiência, apenas cinco se dispuseram a entrar no jogo.

A seção de **Estudos e pesquisas** tem como eixo principal a História da Cultura Material da sociedade brasileira, mas também tudo o que permitir embasar e enriquecer tais estudos (abordagens teórico-metodológicas, técnicas, monografias sobre outros contextos de interesse comparativo e assim por diante). Além, é claro, da contribuição específica que podem trazer a Antropologia, a Arqueologia Histórica/Industrial, a Sociologia, a

História da Arte, a Literatura, a Lingüística, a Semiótica, a Psicologia, a Economia, a Tecnologia, a Geografia etc. etc. Parte desta seção, a rigor, mas com personalidade própria, é a seção **Museus**, que deve abordá-los não do ângulo da Museologia, mas enquanto meios institucionalizados de operar no campo da cultura material, transformando objetos em documentos.

Com a seção **Bibliografia** a revista assume o papel de trazer recursos para o campo a que se destina. Por isso, além das notícias bibliográficas e das resenhas críticas, terão importância os balanços bibliográficos, as bibliografias temáticas, seletivas, comentadas etc.

Outras seções estão previstas, como **Documentos**, que se destina a organizar e tornar disponíveis fontes materiais de diversa natureza.

Os estudos de cultura material, no Brasil, estão numa fase ainda incipiente. A Antropologia e a Etnologia, como era de esperar, é que tiveram sua atenção despertada faz muito tempo, mais há muita dispersão e certa redução de enfoque. Na História, persiste alguma desorientação, pois é muito recente o interesse por problemas desta natureza. As demais disciplinas na área das ciências humanas e sociais têm revelado sensibilidade limitada. Tem sentido, pois, projetar um instrumento de trabalho especializado, que sistematize e amplie os esforços já existentes. É para abrir caminhos necessários mas ainda pouco conhecidos que a revista se apresenta – não para ser mais uma revista, num espaço já saturado de veículos institucionais.